

# Aprender português “é um refúgio” em tempo de guerra

Faculdade de Letras da Universidade do Porto está a ensinar gratuitamente a língua a mais de 300 ucranianos. Instituições de todo o país juntam-se ao esforço de integração dos refugiados

## Reportagem

**Samuel Silva** Texto  
**Paulo Pimenta** Fotografia

“Ninguém está seguro numa guerra.” Daria Khokliuk agarra-se a esta frase para escapar às emoções, enquanto conta o que tinha acontecido quatro dias antes com a sua família, na Ucrânia. Um míssil russo aterrou “a 30 metros” da habitação dos seus pais, na zona ocidental do país, destruindo parcialmente a casa de um dos vizinhos.

“Até agora, achava que os meus pais estavam seguros, mas não há nenhum lugar seguro na Ucrânia”, prossegue, enquanto procura o telemóvel no bolso das calças.

Activa o ecrã para mostrar o vídeo que a mãe lhe tinha enviado. Vê-se o seu pai a inspecionar o estado do automóvel da família, completamente coberto de terra e detritos de asfalto e betão.

Daria Khokliuk fala em inglês. Apenas se atreve em algumas palavras de circunstância em português: “Bom dia”, “obrigado”. Há cerca de um mês que tem aulas do idioma, duas vezes por semana, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP). Como ela há mais 300 pessoas, deslocadas devido ao conflito na Ucrânia, a aprender num curso especialmente pensado para elas – há uma turma em formato presencial e várias em modo *online*.

Mas o português ainda é “muito difícil”, diz Daria Khokliuk, revelando as “grandes dificuldades” com o feminino das palavras, as declinações e os “muitos artigos” do idioma. “O meu cérebro parece que sai da cabeça.” Há outra Daria nesta história. É Daria Dymytriuk, que frequenta o primeiro ano do mestrado em Português Língua Segunda/Língua Estrangeira da FLUP. Foi dela e de uma colega de curso, a finalista Sara Carvalho, que partiu a ideia de criar uma

formação básica de português dirigida para os refugiados da guerra na Ucrânia. A faculdade apadrinhou a iniciativa, que conta também com a colaboração do Secretariado Diocesano das Migrações e Turismo, que tem apoiado a instalação em Portugal de muitos deslocados.

Daria e Sara conseguiram juntar mais de 40 voluntários, entre professores da FLUP e estudantes como elas, que dão aulas duas vezes por semana. Daria Dymytriuk é a única ucraniana. Estuda Português há seis anos. Diplomou-se pela Universidade Nacional de Linguística de Kiev e, durante a licenciatura, fez Erasmus no Porto. Gostou da cidade e decidiu voltar para fazer o mestrado.

Está, por isso, habituada às dificuldades que provoca uma língua “muito diferente” do ucraniano. “Como vou explicar o verbo ‘ser’ se nós não o temos?” A pergunta volta sempre à cabeça da estudante quando prepara as aulas que está a dar aos compatriotas.

No mestrado da FLUP, Sara Carvalho e Daria Dymytriuk aprendem a ensinar português como língua estrangeira. Mas neste curso têm de ensinar português “como língua de acolhimento”,



**Os portugueses são muito amigáveis, às vezes falam contigo na rua e não sabes do que falam. Não gosto dessa sensação. Quero entender o que me perguntam**

**Lesia Demiantseva**

explica a aluna portuguesa. “É muito diferente, a começar pelo contexto. O movimento destas pessoas não é planeado e, além da língua, também temos de ensinar um bocadinho da nossa cultura”, explica.

Além disso, os refugiados ucranianos têm “alguma urgência” de aprender as noções básicas, para poderem ganhar autonomia no seu dia-a-dia em Portugal. “Isso muda a forma como se ensina o idioma e também acabamos por nos adaptar àquilo que cada pessoa precisa”, prossegue Sara Carvalho. Como? “Por exemplo, se a pessoa trabalha em vendas, temos de ir trazer o vocabulário dessa área e trazê-lo para a aula de Português.”

### Turismo motivou escolha

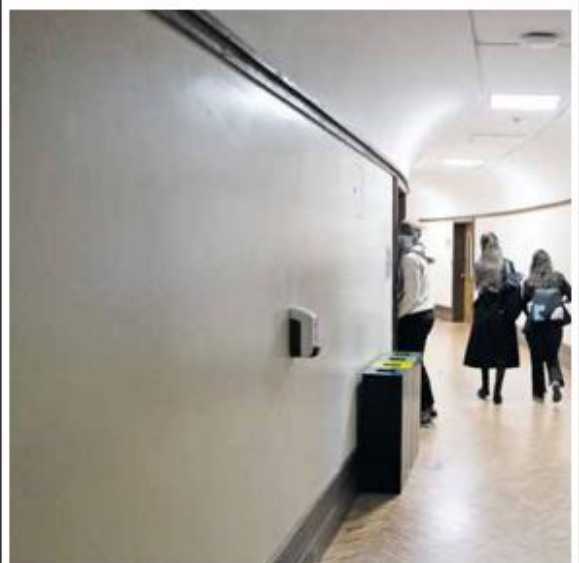
A invasão da Ucrânia pela Rússia apanhou Daria Khokliuk de férias na Madeira. Estava com o namorado, que com ela ficou a viver em Portugal, e com os pais, que decidiram voltar a casa.

“Disseram-me: é onde devemos estar, não temos outra opção”, conta, enquanto explica as várias escalas da viagem de cinco dias empreendida pela família de regresso à Ucrânia, com passagens por Lisboa, Varsóvia, Poznan e Lviv.

Daria e o namorado ficaram a viver no Porto e continuam a trabalhar, remotamente, para empresas ucranianas que vão resistindo à destruição da economia provocada pela guerra – ela como gestora comercial, ele como engenheiro informático.

Antes das férias na Madeira, já tinham visitado o país noutras três ocasiões. Conhece Lisboa, o Algarve e também os Açores. “Acho que é o melhor país do mundo, e até já tinha dito que tinha o sonho de viver aqui”, conta. Contudo, a mesma guerra que a apanhou por acaso em Portugal também a fez perceber que, quando o conflito acabar, quer “construir a vida na Ucrânia e ser útil” ao seu país.

Por causa do turismo, Elisaveta Gusakova também já conhecia Portugal antes da guerra. No Verão



**Daria Dymytriuk e a Sara Carvalho (à esquerda e à direita na foto de cima) conseguiram juntar 40 voluntários para o projecto. Daria Khokliuk (no meio, na mesma foto) é uma das alunas**

passado, tinha passado mais de um mês a visitar o país. No entanto, quando os tanques russos cruzaram as fronteiras ucranianas, estava longe de imaginar que seria aqui que ia viver nos meses seguintes. Primeiro, fugiu para a





tempo” é passado “a ler e a acompanhar as notícias da Ucrânia”. Aprender a língua também é “um refúgio” face à guerra, diz.

Elisaveta Gusakova veio para Portugal com o filho, que está a estudar numa escola pública, onde também tem aulas do idioma. No final do dia, fazem o trabalho de casa em conjunto. “Eu ajudo-o um pouco e ele ajuda-me a mim: Trabalho de equipa!”, sorri. Foi a escola do filho que lhe ofereceu “um dos momentos mais luminosos” desde que está em Portugal, partilha. No primeiro dia de aulas, o adolescente de 14 anos apresentou-se na escola sem um lápis, longe de saber a importância que o objecto pode ter numa sala de aulas portuguesa. “No nosso país, escrevemos sempre com caneta.” Pediu um lápis emprestado a um colega de turma e, no dia seguinte, recebeu de presente um estojo completo: “Tinha lápis, borracha, régua, tudo”.

#### Milhares aprendem a língua

Além do curso que ajudou a dinamizar na FLUP, Daria Dymytriuk, juntamente com duas colegas da licenciatura que fez na Ucrânia – e que entretanto também vieram viver para Portugal por causa da guerra –, lançaram o blogue *Beleza da Língua Portuguesa*. A iniciativa tem também presença nas redes sociais Instagram e Facebook, com cerca de 1000 participantes em cada uma dessas plataformas.

Mas é no Telegram, uma aplicação de troca de mensagens, que têm mais seguidores. O grupo *Express Português Ucrâniano* tem 7000 participantes e “tem crescido de dia para dia”, conta a estudante. Ali colocam autênticas “aulas”, com vídeos de apresentação de cada matéria, em ucraniano, bem como trabalhos de casa para os “alunos virtuais”, seguidos de um outro vídeo que permite a autocorreção dos exercícios. “Podem ver tantas vezes quanto

“  
No curso, falamos muito. Durante 1h30 não paramos de falar. Isso ajudou-me a perder o medo [de falar português]”

Elisaveta Gusakova

quiserem. Podem seguir mais depressa ou mais devagar conforme as necessidades”, conta.

O curso de Português que a FLUP oferece é particular, por ter partido da iniciativa de duas estudantes e juntar alunos e docentes da faculdade como professores. Mas não é a única iniciativa deste género que as instituições de ensino superior nacionais tomaram para ajudar na integração das dezenas de milhares de refugiados da guerra da Ucrânia que têm chegado ao país.

Nas universidades, multiplicam-se as iniciativas deste tipo, desde a Universidade Aberta, a única instituição pública especializada em ensino à distância, ao ISLA - Instituto Superior de Gestão e Administração de Santarém (ISLA -Santarém), uma instituição privada. Em Lisboa, há três cursos, do Centro de Cultura e Línguas Eslavas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, ao Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, passando pelo Instituto de Línguas da Universidade Nova de Lisboa, que tem mais de 800 alunos inscritos.

Estes cursos são todos gratuitos. A maioria funciona *online* ou em formato misto (*blended learning*), com aulas presenciais e à distância,

como acontece na Escola Superior de Educação de Coimbra, oferecendo o nível básico do idioma (A1, na classificação europeia) ou, no caso da Universidade do Algarve, um “nível de sobrevivência”.

Noutros casos, os professores das universidades dão aulas noutros espaços públicos, como acontece com o BabeliUM, centro de línguas da Universidade do Minho, que ensina Português a ucranianos na Biblioteca Municipal da Maia, fruto de uma parceria com a autarquia.

Também há escolas não superiores envolvidas no ensino do idioma a refugiados, como é o caso do Centro Qualifica do Agrupamento de Escolas Gabriel Peres, em Évora, ou do agrupamento de escolas de Albufeira Poente, que recebe aulas nocturnas por iniciativa do Centro Local de Apoio à Integração de Migrantes da autarquia local.

Lesia Demiantseva tem aulas presenciais neste curso na escola de Albufeira e aulas *online* oferecidas pela FLUP. “Temos muito treino”, graça. Especialista em marketing digital, tal como o marido, que está a viver consigo no Algarve, estava acostumada a viajar boa parte do ano, já que o seu trabalho pode ser feito a partir de qualquer ponto do mundo.

Tinha estado em Portugal no início do Inverno e gostou tanto, que decidiu passar aqui mais uma temporada, depois do Natal em família. No início de Fevereiro, voou para a Andaluzia, atravessou a fronteira e tinha-se instalado em Albufeira quando “tudo mudou”.

“Acordámos com chamadas da nossa família na Ucrânia, dizendo que a guerra tinha começado.” Entretanto, o filho do marido juntou-se à família e Lesia espera que o seu filho chegue também a Portugal na próxima semana. Enquanto reorganiza a vida profissional – “perdemos quase todos os nossos clientes no início da guerra”, afirma –, decidiu investir o seu tempo a aprender português.

“Não gosto de me sentir tonta”, justifica. “Os portugueses são muito amigáveis, às vezes falam contigo na rua e não sabes do que falam. Não gosto dessa sensação. Quero entender o que me perguntam.”

Ao fim de um mês de aulas, começa a ter alguns conhecimentos. “O maior problema é que os portugueses falam muito depressa”, queixa-se. “Se eu leio a palavra, eu sei o que significa. Se falam comigo, não entendo nada.” Lesia Demiantseva está a “gostar muito” de aprender a língua. “Acho que não ficou por aqui, vou continuar a estudar Português.”



Português na FLUP à distância. Um mês depois, já “perdeu a vergonha” de dizer “bom dia” e já domina o suficiente do idioma para, quando abordada na rua por uma pessoa que lhe pedia indicações, ter explicado que “não falava muito bem a língua, nem conhece bem a zona”, conta, com orgulho. “No curso, falamos muito. Durante 1h30, não paramos de falar. Isso ajudou-me a perder o medo”, explica.

Elisaveta Gusakova já tinha sido forçada a deixar Lugansk, de onde é original, em 2014, na sequência do conflito no Donbass. “Agora a história repete-se”, desabafa, enquanto conta que tem ainda “metade da família” na região mais a leste da Ucrânia. Os pais e o irmão estão em Kiev, onde agora parecem “estar mais ou menos seguros”. “Mas não posso estar completamente aliviada.”

Na capital ucraniana, Elisaveta tinha uma loja de roupa interior feminina, que teve de fechar com o início da guerra. Em Portugal, não tem trabalho. “Não vivendo numa cidade grande, é mais difícil encontrar” emprego, avalia. Para já, vai ocupando parte dos seus dias a ver programas de televisão que lhe foram sugeridos pela professora para exercitar o seu português. Mas “boa parte do

Polónia e, fruto de contactos de amigos que tinham familiares na Área Metropolitana de Lisboa, aqui chegou depois de uma viagem de oito dias.

Hoje, vive em Corroios, no distrito de Setúbal, e tem aulas de